

# AFASIA PRAGMÁTICA: CÉREBRO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

## PRAGMATIC APHASIA: BRAIN, LANGUAGE AND COMMUNICATION

Letícia dos Santos Caminha\*

UFPR

Aristeu Mazuroski Junior\*\*

UFPR

**RESUMO:** Este artigo descreve o comportamento linguístico de indivíduos diagnosticados com a Síndrome do Lobo Frontal leve ou Afasia Pragmática, condição neurológica decorrente de lesões cerebrais que afetam os processos de significação devido a alterações que ocorrem em algum dos níveis linguísticos. Recorrendo à concepção pragmática da linguagem, são analisados os traços linguísticos que caracterizam a patologia de sujeitos cérebro-lesados que desenvolveram alterações e dificuldades comunicativas contextuais. O referencial teórico para a análise é composto pelo modelo funcional do cérebro, que permite a classificação das afasias sob um ponto de vista linguístico e, para tratar dos aspectos pragmáticos e cognitivos da Síndrome do Lobo Frontal, são utilizadas as relações entre comunicação e contexto discutidas na Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001).

**PALAVRAS-CHAVE:** Afasia pragmática. Pragmática cognitiva. Síndrome do Lobo Frontal. Teoria da Relevância.

**ABSTRACT:** This article describes the linguistic behavior of individuals diagnosed with mild Frontal Lobe Syndrome or Pragmatic Aphasia, a neurological condition resulting from brain damage that affects linguistic areas and the semantic processes of understanding. Resorting to the pragmatic conception of language, in the analysis of the linguistic traits that characterize the pathology of brain-injured subjects who present alterations and contextual communicative difficulties. The theoretical framework for the analysis is composed of the functional model of the brain, which allows the classification of aphasia from a linguistic point of view and, to address the pragmatic and cognitive aspects of the Frontal Lobe Syndrome, the relationships between communication and context are used in the Relevance Theory (SPERBER; WILSON, 2001).

**KEYWORDS:** Pragmatic aphasia. Cognitive pragmatics. Frontal Lobe Syndrome. Pragmatic aphasia. The Relevance Theory.

---

\* Mestra em Estudos da Linguagem e doutoranda em Estudos Linguísticos. E-mail: leticia.94@outlook.com.

\*\* Psicólogo e doutor em Linguística E-mail: aristeumj@gmail.com.

## Introdução

Neste trabalho, descrevemos o comportamento comunicativo de indivíduos diagnosticados com Síndrome do Lobo Frontal Leve ou Afasia Pragmática, a partir de uma perspectiva linguística, que considera os desenvolvimentos no campo neurológico em relação à performance comunicativa concreta dos sujeitos. A granularidade progressiva na compreensão das afasias levou as neurociências a voltarem o olhar para a pragmática linguística e o papel do contexto na comunicação, posto que os recorrentes testes de uso da linguagem não detectavam todos os aspectos da competência comunicativa de pacientes com lesões cerebrais. Gradualmente, o diagnóstico de pacientes passa a incorporar também os aspectos sociais e emocionais na interação comunicativa (SOBHANI RAD, 2014).

Coudry (1988) indica que a afasia é decorrente de uma lesão cerebral que afeta os processos de significação devido a alterações que ocorrem em algum dos níveis linguísticos. No entanto, as concepções de linguagem recorrentemente pleiteadas no estudo das afasias não contribuíram de forma plena para a análise das perturbações mais estritamente relacionadas ao uso da linguagem. Assim, a partir dos dados reunidos por Gandolfo (1994), propõe-se, neste artigo, uma análise dos traços comunicativos que caracterizam a patologia de indivíduos cérebro-lesados que desenvolveram alterações no nível pragmático da linguagem. Para tanto, recorreremos à concepção pragmática da linguagem apresentada nos trabalhos de Austin (1962), Searle (1983) e Grice (1975) que consideram a linguagem como um meio pelo qual os indivíduos agem uns sobre os outros e sobre o mundo em que vivem.

Traz-se também, como referencial teórico para a análise, o modelo funcional do cérebro proposto por Luria (1981) e os estudos de Jakobson (1970) sobre a classificação das afasias desde um ponto de vista linguístico, que se contrapõem às concepções localizacionistas do cérebro propostas por Broca (1861) e Wernicke (1874). Luria (1981) nos chama a atenção para a influência do contexto social no desenvolvimento neurológico do indivíduo e afirma que a complexidade das atividades corticais não nos permite apontar uma única área do córtex como responsável pela linguagem.

Por fim, para tratar dos aspectos pragmáticos da Síndrome do Lobo Frontal, valemo-nos das relações entre comunicação e relevância, discutidas por Sperber e Wilson (2001), autores que apontam a comunicação humana como majoritariamente realizada por meio da evidência e atribuição de intenções comunicativas e informativas, interpretadas de acordo com as expectativas de relevância construídas pelos interlocutores durante a interação.

O objetivo desta discussão é ampliar a perspectiva de diagnóstico dos indivíduos acometidos pela afasia, colaborando com as neurociências na compreensão das lesões cerebrais que afetam a comunicação. O texto também tem o objetivo de contribuir para o tratamento das pessoas afetadas, identificando as deficiências comunicacionais observadas e ampliando as formas de abordagem da condição neurológica pelos profissionais de saúde e reabilitação (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009).

No campo teórico, a Teoria da Relevância (TR) de Sperber e Wilson (2001) representa uma expansão do escopo dos estudos pragmáticos e oferece novas perspectivas de análise do comportamento comunicativo de indivíduos diagnosticados com perturbações na linguagem de

origens diversas. Espera-se que a análise aqui desenvolvida auxilie os estudos que exploram a indissociabilidade entre cérebro, linguagem e comunicação.

## Cérebro e linguagem

As concepções sobre cérebro e linguagem já foram exploradas sob perspectivas diversas. No que tange ao estudo do cérebro, no âmbito dos estudos da linguagem, por muito tempo predominaram as teorias localizacionistas como a de Broca (1861) e Wernicke (1874). Broca (1861) defendia que a terceira circunvolução frontal do cérebro (área de Broca) seria a área responsável pela articulação das faculdades referentes à linguagem e o resultado de sua atividade seria a capacidade de expressão. Wernicke (1874), por sua vez, pleiteava a existência das zonas cerebrais de projeção e associação, alimentadas pelas operações motoras e sensoriais que possibilitam a percepção/recepção dos estímulos na interação com o meio.

A partir dos trabalhos de Broca (1861) e Wernicke (1874) foi possível estabelecer distinção entre dois tipos de afasia: a de expressão e a de recepção. Segundo Broca (1861), a afasia de expressão não está necessariamente relacionada ao desenvolvimento intelectual, já que vários sujeitos que participaram de seus estudos e apresentaram linguagem desarticulada não evidenciaram nenhum tipo de patologia mental, enquanto sujeitos dementes seguiam apresentando articulação em sua linguagem.

Para Wernicke (1874), as afasias de recepção podem ser classificadas como: a) surdez central: quando os estímulos sensoriais percebidos periféricamente não chegam até a área cerebral de projeção; b) afasia sensorial: dificuldade para compreender a linguagem oral, fala confusa e incapacidade de adequação do uso da linguagem ao contexto; c) afasia de condução: dificuldade para usar as palavras e apresentação de esforço sobrecomum para conseguir se expressar; d) afasia motora: preservação do significado, mas dificuldade motora para se expressar.

Se analisados a partir dos estudos de Wernicke (1874), os casos de Síndrome do Lobo Frontal serão classificados como uma afasia sensorial, pois seu principal sintoma é a inadequação do uso da linguagem ao contexto. No entanto, Gandolfo (1994) salienta que a afasia pragmática é decorrente de lesão cerebral em áreas que não correspondem àquelas apontadas por Wernicke (1874) como responsáveis por esse aspecto linguístico/comportamental, o que sugere que o funcionamento do cérebro não ocorre de forma modular e que as atividades neurológicas concernentes à linguagem podem não ter uma localização tão precisa como prevê a concepção localizacionista do cérebro.

Ainda para Gandolfo (1994), é devido a essa imprecisão na relação entre área cerebral lesionada e sintomas apresentados por indivíduos afásicos que os estudos sobre afasias têm recorrido cada vez mais às teorias funcionais do cérebro, como a proposta pelo psicólogo russo, Alexander Luria (1981). Luria propõe uma visão mais holística do cérebro humano e abre caminhos para os trabalhos de Jakobson (1970), que motiva a participação da linguística no estudo das afasias.

## O cérebro segundo Luria

As investigações linguísticas orientadas por uma concepção pragmática da linguagem sugerem que a relação entre cérebro, linguagem e comunicação deve ser analisada desde uma perspectiva que considere a influência sociocultural e histórica no desenvolvimento dos indivíduos (NOVAES-PINTO, 2012). É nesse sentido, que as asserções de Luria (1981) contribuem significativamente para o estudo das afasias e para o estabelecimento de novas práticas terapêuticas que promovam o desenvolvimento e autonomia do indivíduo diagnosticado com algum tipo de patologia da linguagem.

Luria (1981) postula que o cérebro humano é um sistema funcional complexo, dinâmico, alimentado pelas experiências sociais do indivíduo, um todo em constante desenvolvimento. Opondo-se às teorias localizacionistas, o psicólogo russo afirma que:

(...) Nenhum dos processos mentais, tais como percepção e memorização, gnóscias e praxias, fala e pensamento, escrita, leitura e aritmética, pode ser encarado como representando uma “faculdade” isolada ou mesmo indivisível, que seria “função” direta de um grupo celular limitado ou seria “localizada” em uma área particular do cérebro.

O fato de terem sido todas elas formadas no curso de um longo desenvolvimento histórico, de serem sociais em sua origem e complexas e hierárquicas em sua estrutura, e de serem todas elas baseadas em um sistema complexo de métodos e meios (...) implica em que as formas fundamentais da atividade consciente devem ser consideradas como sistemas funcionais complexos; conseqüentemente, a abordagem básica do problema da sua “localização” no córtex cerebral deve ser radicalmente alterada. (LURIA, 1981, p. 15)

Para Luria (1981), as áreas cerebrais, ainda que tenham suas funções hierarquizadas dentro de uma estrutura neurológica, funcionam conjuntamente, de modo que uma lesão em determinada localidade cerebral tem como consequência a reorganização de todo o sistema funcional, que busca rearranjos para a manutenção das atividades do sistema (NOVAES-PINTO, 2012).

Quanto às funções desempenhadas no córtex, Luria (1981) as classifica em amplas e restritas. Uma função ampla é aquela realizada por uma série de estruturas que trabalham simultaneamente, em prol de um objetivo comum, como o funcionamento do sistema respiratório e digestivo, por exemplo. As funções restritas são aquelas voltadas a uma atividade específica, como a secreção da bÍlis pelo fÍgado (GANDOLFO, 1994).

O psicólogo russo propõe ainda que o cérebro humano é organizado em três grandes áreas funcionais que operam conjuntamente na execução da atividade mental: a primeira unidade é responsável pela manutenção do tônus cortical e a atividade de vigília, enquanto à segunda unidade cabe o processamento de estÍmulos e armazenamento das informações obtidas no contato com o meio; já à terceira unidade são conferidas a programação, a regulação e a verificação da atividade humana (LURIA, 1981).

Segundo Luria (1981), é na terceira unidade funcional do cérebro – formada principalmente pelos lobos frontais – que temos: “O controle das formas mais complexas de atividade”

(LURIA, 1981, p. 162). Todas as ações de um indivíduo dependem das funções executadas pelos lobos frontais, logo:

Um distúrbio da função dos lobos frontais pode levar à *desintegração de programas complexos de atividade* e a sua pronta substituição, seja por *formas de comportamento mais simples e mais básicas*, seja pela repetição de estereótipos inertes, que não são nem relevantes para a situação nem de caráter lógico. (LURIA, 1981, p. 172, ênfase no original)

É nesse sentido que o desenvolvimento de uma síndrome do lobo frontal apresenta-se como uma afasia pragmática. Qualquer alteração das atividades dos lobos frontais tem como consequência a perda da capacidade de adequação de ações aos contextos. Nessa situação, o comportamento habitual e a espontaneidade do indivíduo para agir sobre seu interlocutor numa situação comunicativa são substituídos ou pela repetição dos enunciados que lhe são dirigidos ou por falta de reação a um estímulo ostensivo.

## A afasia pragmática

Para Joannette *et al.* (2008), as lesões com decorrências afásicas podem ter diferentes consequências no desempenho comunicativo, afetando habilidades linguísticas que envolvem prosódia, processamento léxico-semântico, habilidades discursivas e habilidades pragmáticas. As últimas são o foco desta discussão e, de acordo com os mesmos autores, incluem as dificuldades na interpretação de atos de fala, a compreensão prejudicada de ironia, humor e sarcasmo, e as dificuldades de entender o que é saber compartilhado em determinados contextos.

O desempenho comunicativo é complexo no ser humano, sendo composto pelo engajamento de diferentes habilidades linguísticas em acordo com as exigências contextuais e interacionais. É importante, portanto, compreender os componentes específicos que podem estar afetados no desempenho comunicativo global de sujeitos lesionados, e verificar onde estão suas dificuldades.

Do ponto de vista neuropsicológico, a afasia pragmática é uma perturbação da linguagem decorrente de lesão nos lobos frontais, caracterizados por Luria (1981) como unidade funcional responsável pela regulação do tônus cortical, da atividade de vigília e da verificação das atividades humanas. Para Luria (1981), o indivíduo diagnosticado com lesão nos lobos frontais tem dificuldade para responder aos estímulos ostensivos que lhe são dirigidos e é incapaz de adequar seu comportamento comunicativo às intenções que pretende tornar manifestas:

Conseqüentemente, nem instruções faladas dadas a esses pacientes, nem as suas próprias intenções, continuam a fornecer um programa estável para o seu comportamento, perdendo-se a função reguladora de tais instruções e intenções (...) pacientes com lesões maciças (no mais das vezes bilaterais) dos lobos frontais não apenas perdem o programa que se lhes atribui, substituindo-o por ações “básicas” ou “ecopráticas”, ou por estereótipos patologicamente inertes, como também deixam de notar seus erros. Em outras palavras, eles perdem não apenas o controle sobre as suas ações como também a capacidade de conferir

os resultados das referidas ações, embora frequentemente eles se recordem perfeitamente bem da tarefa a eles atribuída. (LURIA, 1981, p. 173)

Se consideramos o trabalho conjunto das unidades funcionais descritas por Luria (1981), podemos afirmar que uma lesão no lobo frontal e a consequente dificuldade do indivíduo para agir em contexto afetam também as atividades realizadas pelas demais unidades cerebrais. A alteração do comportamento modifica radicalmente a forma como o indivíduo participa do meio social em que vive as experiências que lhe permitem o desenvolvimento cognitivo.

A concepção de cérebro funcional apresentada por Luria (1981) e sua classificação das afasias fornecem à linguística as perspectivas que nos possibilitam considerar a afasia como uma patologia da linguagem que também deve explorada em disciplinas que, de algum modo, dedicam-se à relação entre a linguagem e seus falantes, assim como a pragmática.

## **A classificação das afasias nos estudos linguísticos**

Jakobson (1970) defende que a afasia é uma perturbação da linguagem e que, por esse motivo, uma classificação precisa das afasias deve ser feita por linguistas, com base nos aspectos linguísticos prejudicados em tais desordens. Segundo o autor:

A aplicação de critérios puramente linguísticos à interpretação e classificação dos fatos da afasia pode contribuir, de modo substancial, para a ciência da linguagem e das perturbações da linguagem, desde que os linguistas procedam com o mesmo cuidado e precaução ao examinar os dados psicológicos e neurológicos como quando tratam de seu domínio habitual. (JAKOBSON, 1970, p. 36)

Inicialmente os trabalhos de Jakobson (1970) possibilitaram a classificação e análise das afasias desde três diferentes dicotomias linguísticas: 1) codificação e decodificação; 2) limitação e desintegração; e 3) sequência e copresença.

A primeira dicotomia proposta por Jakobson (1970) sugere que a codificação dos elementos linguísticos se dá por relação de proximidade, enquanto a decodificação ocorre por uma relação de similaridade. Dessa maneira, uma desordem de linguagem originária na codificação se revelaria como um agramatismo, por exemplo, no qual o sujeito fica impossibilitado de estruturar os elementos numa frase. Já a desordem na decodificação produz dificuldade para hierarquizar os elementos, embora o contexto, entendido como a relação entre os componentes da frase, permaneça intacto.

Na segunda dicotomia, a limitação acontece quando, numa afasia semântica, por exemplo, o sujeito perde a capacidade de estabelecer relação lógica entre os elementos da frase, ficando limitado na construção de diferentes sentidos com o uso de um mesmo enunciado. A desintegração é definida como a impossibilidade de atribuir significado às palavras que compõem o léxico da língua (GANDOLFO, 1994).

A terceira dicotomia refere-se à integração dos elementos sucessivos ou dos elementos simultâneos:

Para cada afasia vão ocorrer diferentes tipos de desintegração nos eixos sintagmático/paradigmático (...) Na afasia dinâmica, é a relação das frases entre si que está alterada. Já na afasia aferente, os elementos sucessivos, também, não estão integrados, porque o sujeito perde a sensação dos movimentos fonológico-articulatórios, apresentando, assim, movimentos imprecisos. (GANDOLFO, 2006, p. 57)

Nas três dicotomias de Jakobson (1970) descritas anteriormente, encontramos elementos formais da língua como respaldo para o diagnóstico das afasias como patologias da linguagem, o que implica afirmar que seu projeto de análise das afasias tem, em sua gênese, uma concepção estruturalista da linguagem. Ao considerar somente os aspectos sintáticos, semânticos e fonológicos na classificação das afasias, Jakobson (1970) omite os aspectos da linguagem que podem nos dirigir a um diagnóstico a partir do uso da língua em situações comunicativas socioculturalmente contextualizadas.

Nos trabalhos de Coudry (1980), deparamos-nos com uma abordagem das perturbações da linguagem que busca na relação entre a linguagem, o indivíduo e seus contextos de fala, as diretrizes para o estudo das afasias. Para Coudry (1980), os testes-padrão utilizados no diagnóstico das afasias que se baseiam somente na verificação do domínio dos elementos formais da língua: “Não possuem, da linguagem, o seu papel de representação de experiências efetivas sobre si próprio, sobre os outros e sobre o mundo: são atemporais, não localizadas em um espaço concreto” (COUDRY, 1980, p. 16).

Conforme Coudry (1980), a linguística, quando orientada por uma concepção pragmática da linguagem, amplia as possibilidades de análise, de diagnósticos e terapias realmente eficazes das afasias. A afasia pragmática está envolta por essa ampliação das perspectivas de análise contempladas por esta concepção de linguagem voltada para a ação.

## A concepção pragmática de linguagem

Com a influência dos estudos filosóficos de Austin (1962) e Searle (1983) acerca dos atos de fala, houve um avanço significativo das disciplinas que exploram, de algum modo, a visão sociocognitiva da linguagem. Nesse momento: “Muitos linguistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua” (WEEDWOOD, 2002, p. 144) e a linguagem deixa de ser um objeto de análise genuinamente formal e passa a ser entendida como uma forma de ação.

A Teoria dos Atos de Fala, inaugurada por Austin (1962) e, posteriormente, desenvolvida por Searle (1983), defende que uso da linguagem não tem uma função meramente informativa, mas, sobretudo pragmática: para os autores, dizer é fazer. Austin sugere que a enunciação pressupõe a realização de três ações simultâneas: os atos **locutório** (observado a nível fonológico e sintático); **illocutório** (tipo de ação que se pretende realizar com o ato locutório); e o **perlocutório** (efeito que os dois primeiros atos exercem sobre o interlocutor ou sobre o estado das coisas no

mundo). Assim, segundo Austin, ao fazer uma asserção, o locutor está tentando, por meio da linguagem, modificar as suposições fatuais de seu ouvinte para intervir em uma dada realidade.

Em Searle (1983), temos o alargamento das perspectivas teóricas empreendidas sob a égide dos estudos de Austin (1962), que se preocupava sumariamente com o caráter operante da linguagem. Para Searle, a enunciação divide-se entre o **ato de enunciar** (dizer alguma coisa) e o **ato proposicional** (conteúdo informativo do que foi dito). Ainda de acordo com Searle, ao realizar um ato proposicional, o revestimos de uma estrutura psicológica, um estado mental que caracteriza a força aplicada à enunciação, a intenção que se tem ao enunciar; isto é, para o discípulo de Austin, todo ato de fala é carregado de intencionalidade.

Em suas asserções, Searle salienta a relação entre a linguagem e estados mentais: “A intencionalidade original ou intrínseca do pensamento do falante é transferida para palavras, frases, marcas, símbolos (...) Quando um falante realiza um ato de fala, ele impõe sua intencionalidade àqueles símbolos” (SEARLE, 1983, p. 74). Observamos na obra de Searle o detalhamento da relação existente entre um ato de fala, significado do falante e intencionalidade. Searle instaura a importância de considerar o falante na precisão do que convençionamos chamar significado e atenta-se, por conseguinte, à forma como mente e significado estão relacionados.

Ainda no campo da filosofia da linguagem, Grice (1975) inaugurou a perspectiva da comunicação humana que ensejou o desenvolvimento da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001). As investigações de Grice (1975) integram o rol das teorias que, de forma essencial, colaboraram com a ampliação do escopo dos estudos pragmáticos e com a disseminação do conceito de linguagem como ação. Grice (1975) preconiza as noções de ostensão e inferência (BASSO; OLIVEIRA, 2014) que posteriormente foram aprofundadas por Sperber e Wilson (2001) em “Relevância: Comunicação e Cognição”.

De acordo com a teoria conversacional de Grice (1975), no decorrer de uma interação verbal processamos aquilo que o falante diz e o que ele faz ao dizer. Isto é, Grice (1975) considera o caráter pragmático da linguagem e sugere que, durante a comunicação, inferimos não apenas o significado semântico daquilo que nos é dito, mas também as intenções ostentadas por aqueles que participam da interação. Daí a concepção de que a comunicação humana é uma atividade ostensivo-inferencial: ostensiva porque, por meio de enunciados, os falantes ostentam suas intenções, e inferencial porque, por meio de pistas contextuais, os falantes as inferem.

Grice (1975) parte do princípio de que:

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas (...) eles são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita. (GRICE, 1975, p. 86)

Durante a comunicação, os interlocutores têm um propósito comunicativo em comum, todos almejam um diálogo bem-sucedido. Ao fazerem uma contribuição informativa pressupõem que os demais participantes da conversa sejam capazes de atribuir suas intenções e inferi-las de modo a maximizar seu significado (GRICE, 1975).

Para o sucesso de tal propósito, o autor sugere que todos os interlocutores devem seguir o “Princípio de Cooperação”: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1975, p. 86). Ainda para o autor, o atendimento ao Princípio de Cooperação requer também a orientação de quatro máximas conversacionais: as categorias de quantidade, qualidade, relação e modo.

As máximas conversacionais de Grice (1975) podem ser resumidas da seguinte maneira: a) Quantidade: não dê mais informações do que aquelas que lhe foram solicitadas; b) Qualidade: Dê apenas informações verdadeiras; c) Relação: suas contribuições devem ser relevantes a seus ouvintes; e d) Modo: Seja claro, evite a obscuridade ao dar uma informação. Segundo Grice (1975), durante a comunicação, a violação de umas dessas máximas teria como consequência uma implicatura. São majoritariamente as implicaturas que requerem do ouvinte o reconhecimento das pistas contextuais sobre a intenção comunicativa do falante, isto é, que motivam uma inferência direcionada pelo contexto, assim como sugere a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001)

Apesar de inaugurar as bases da pragmática moderna e apontar novas perspectivas de análise da interação humana, o modelo ostensivo-inferencial da comunicação, proposto por Grice (1975), deixa-nos muitas indagações sem resposta, tanto em relação ao Princípio de Cooperação quanto em relação às suas máximas conversacionais (SPERBER; WILSON, 2001). Segundo Sperber e Wilson (2001), algumas das questões ainda sem resposta referem-se às origens das máximas conversacionais, à sua possível universalidade e à existência de outras máximas que possam ter sido ignoradas pelo autor. No entanto, uma breve leitura do trabalho de Grice (1975) nos permite constatar que ele próprio reconhece a imprecisão de suas definições, precipuamente ao que concerne à vagueza da descrição de uma de suas máximas: a da relação.

Ao estabelecer somente uma submáxima para a categoria de relação, “seja relevante”, Grice (1975) afirma que essa definição está relativamente mal desenvolvida. Sua definição não fornece precisão sobre prováveis parâmetros de relevância e segundo porque admite que as condições de relevância estão relacionadas ao contexto dinâmico que circunda a interação; o que implica dizer que essas condições podem se alterar no decorrer da conversa.

Considerando a influência do trabalho de Grice (1975) e a necessidade do desenvolvimento de suas ideias preliminares, Sperber e Wilson (2001) elaboram, em “Relevância: Comunicação e Cognição”, um modelo teórico sobre a operacionalidade da mente humana em processos comunicativos e mais especificamente sobre as atividades cognitivas associadas à interpretação do significado.

Embora o conceito de intencionalidade de Searle (1983) não seja facilmente relacionável ao conceito de intenção presente na obra de Grice (1975), é possível verificar que, tanto os estudos filosóficos acerca dos atos de fala quanto a teoria conversacional de Grice (1975) carregam a concepção de que a linguagem não tem uma função meramente informativa, seu uso é intencional. Assim, a linguagem transforma-se em enunciado na medida em que os falantes lhe imprimem sua subjetividade, suas intenções.

É nesse ínterim que a TR descreve a comunicação como um processo ostensivo-inferencial, baseado na evidência de intenções por parte do falante e na atribuição de intenções por parte do ouvinte (SPERBER; WILSON, 2001), como preconizou Grice (1975). Numa perspectiva

relevantista, a linguagem, quando contextualizada, é um mecanismo que possibilita aos interlocutores a associação entre suas intenções e os significados que pretendem que seus pares infram no decorrer de suas interações.

Em conclusão, uma concepção pragmática da linguagem partilha a ideia de que é por meio dela que interagimos e agimos no mundo. De acordo com Coudry (1988), a linguagem nos permite construir os discursos que expressam as intenções significativas das quais os participantes de uma interlocução se valem para agir um sobre o outro e sobre a própria situação em que se encontram, como indivíduos pragmáticos.

## Linguagem, comunicação e relevância

Muitos dos recursos e efeitos da interação humana só são possíveis graças à complexidade da linguagem verbal, pois: “A linguagem é um instrumento essencial para o processamento e a memorização das informações” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 262). Assim, no que tange à comunicação humana, é comum tomarmos linguagem e comunicação como os dois lados de uma mesma moeda (SPERBER; WILSON, 2001).

No entanto, alguns aspectos intrínsecos à mente humana, como as intenções, não podem ser codificados linguisticamente pelo falante para, posteriormente, serem decodificados pelo ouvinte (SANTOS, 2009). Nessa circunstância, a TR descreve a comunicação humana não apenas como um processo de codificação e decodificação, mas sobretudo como um processo ostensivo-inferencial. A ostensão caracteriza-se como uma chamada de atenção para o conjunto de suposições que o falante pretende comunicar, enquanto a inferência é o conjunto de atividades cognitivas realizadas pelo ouvinte na interpretação desses estímulos ostensivos e, conseqüentemente, na atribuição de intenções ao falante, por meio dos contextos disponíveis.

De acordo com a TR, os contextos são fundamentais nas atividades de inferência, já que é a partir deles que os ouvintes inferem os significados dos enunciados que lhe são dirigidos e conseguem atribuir as intenções evidenciadas pelos falantes. Não obstante, para a TR, o contexto não está limitado ao tempo e ao espaço em que ocorre a interação e nem mesmo às informações imediatamente anteriores a cada nova informação dada pelos interlocutores, pois o contexto predominante nas atividades inferenciais:

É uma construção psicológica formada por um subconjunto de suposições que o ouvinte tem do mundo. São estas, com certeza, as que afectam a interpretação de uma elocução, e não o estado real do mundo. Neste sentido, um contexto não está limitado nem às informações imediatamente anteriores; também poderão ter um papel na interpretação todas as expectativas do futuro, as hipóteses científicas ou crenças religiosas, o anedotário, as suposições culturais gerais, e as opiniões sobre o estado mental da pessoa falante (...) (SPERBER; WILSON, 2001, p. 45-46)

Assim, quando o falante evidencia uma intenção numa interação verbal, ele cria certa expectativa sobre o estado mental de seu ouvinte e acredita que ele possui o conhecimento de mundo necessário à interpretação do significado daquilo que está lhe sendo dito. Há ainda, nessa

situação, a expectativa de relevância: o falante acredita que a intenção evidenciada é relevante ao ouvinte e que, portanto, ele fará o esforço necessário para interpretar o seu significado.

Para Santos (2009), a relevância é uma propriedade psicológica que faz com que uma nova informação valha a pena ser processada, e os parâmetros de relevância de uma nova informação são determinados pelo número de efeitos cognitivos resultantes do esforço empregado em seu processamento. Os efeitos cognitivos ou contextuais se referem ao nível de reorganização e modificação das suposições disponíveis em nossa mente, mas embora tratemos de um número de efeitos, a relevância é medida qualitativamente e não quantitativamente:

A relevância é o produto da avaliação da produtividade: equilíbrio entre o rendimento (saída) e um investimento (entrada) de informações, ou seja, equilíbrio entre os efeitos contextuais e o esforço de processamento. É uma noção comparativa (relativizada). No entanto, se os benefícios de se conseguir um efeito contextual não forem suficientes para equilibrar o custo do esforço de processamento necessário para os implementar, então nunca se poderia conseguir um grau positivo de relevância, porque não valeria a pena o esforço do processamento (SANTOS, 2009, p. 106)

Os efeitos contextuais podem dar-se por meio do fortalecimento, da contradição e combinação das suposições conceituais já existentes na mente do ouvinte. Logo, uma informação mais relevante será aquela que valha a pena ser processada porque alcança um maior número de efeitos cognitivos com um menor esforço – assim a mente humana trabalha numa relação “custo-benefício” de informações.

A relevância de uma nova informação depende das consequências que ela causa ao interlocutor ouvinte: 1) se essa informação fortalece uma suposição antiga, enfatizando a sua veracidade; 2) se esta informação enfraquece uma outra suposição, provando sua menor confiabilidade; 3) se permite combinar suposições, alterando o ambiente cognitivo do interlocutor; e 4) se permite que o interlocutor construa novas suposições acerca das coisas do mundo.

Para o Princípio de Relevância, o valor de processamento de uma informação está diretamente ligado ao número de efeitos cognitivos que ela pode gerar, assim como ao esforço de processamento necessário para gerar tais efeitos. Em outras palavras: quanto mais efeitos cognitivos forem previstos e menos processamento for necessário, maior o valor da informação. Desse modo, as suposições utilizadas para o processamento de uma nova informação serão aquelas que estão mais acessíveis na mente do ouvinte; o falante deve conjecturar quais são essas suposições e procurar tornar a sua intenção a mais relevante possível, fazendo com que o ouvinte consiga inferir um significado minimamente alinhado com suas expectativas, o que fará da comunicação bem-sucedida (SPERBER; WILSON, 2001).

Conclui-se que, numa perspectiva relevantista, a comunicação humana depende majoritariamente da capacidade de falantes e ouvintes ostentarem e inferirem intenções comunicativas e informativas que, por sua vez, são definidas como estados mentais não codificáveis. O sucesso da comunicação depende da clareza na realização da ostensão das intenções por parte do falante e da devida atribuição das intenções por parte do ouvinte, que deve mobilizar em seu contexto mental as suposições que lhe permitam inferir o significado pretendido.

Quando um indivíduo perde a habilidade de adequação de seu comportamento comunicativo aos contextos situacionais, nem sempre as intenções por ele evidenciadas serão relevantes a seus ouvintes, o que implica dizer que sua capacidade de agir sobre o outro e sobre o mundo em que vivem fica limitada. Dessa maneira, suas tentativas de interação serão frequentemente malsucedidas, não pela inabilidade de manipulação do código linguístico, mas pela limitação de seu uso em situações de comunicação espontânea.

## Afasia pragmática e relevância

Um enfoque estruturalista no estudo das afasias, como aquele proposto por Jakobson (1970), tende a excluir das classificações aquelas perturbações da linguagem mais diretamente relacionadas ao uso da linguagem em situações de comunicação espontânea e que não afetam apenas a estrutura dos enunciados. Dessa maneira, um estudo das afasias, orientado por uma concepção pragmática da linguagem, permite-nos avaliar a forma como o indivíduo apropria-se da linguagem para transformá-la em enunciado.

A partir de uma concepção ostensivo-inferencial da comunicação, como a proposta pela Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), é possível afirmar que indivíduos diagnosticados com lesão nos lobos frontais apresentam alterações de caráter pragmático em seu comportamento porque perdem a capacidade de manifestar, por meio da linguagem, o conjunto de suposições fatuais que formam os estados mentais que caracterizam suas intenções. Em consequência, suas ações não são coerentes com as intenções que pretendem ostentar e também não há uma autoavaliação comportamental, de modo que esses indivíduos não podem verificar o resultado de suas ações, isto é, não há, de sua parte, relação lógica entre causa e consequência (LURIA, 1981).

No que tange à relevância, propriedade psicológica que orienta o processamento de informações nas inferências realizadas pelos indivíduos durante suas interações (SPERBER; WILSON, 2001), a afasia pragmática altera o nível de habilidade para construir expectativas de relevância sobre o conhecimento do interlocutor. Ao solicitar um número X de informações ao indivíduo com afasia pragmática, é bastante comum que ele dê muito mais informações do que aquelas que lhe foram solicitadas ou, ainda, que não consiga manter suas contribuições informativas na direção estabelecida inicialmente pelos demais interlocutores.

No que tange às respostas dadas por indivíduos com afasia pragmática, Luria (1981) salienta que apesar de recordarem com precisão das tarefas a eles atribuídas, pacientes com lesão de lobo frontal mais grave não respondem aos estímulos de forma ostensiva:

Os pacientes com as lesões maiores do lobo frontal, associadas a pronunciadas alterações cerebrais perifocais ou gerais (por exemplo, pacientes com grandes tumores dos lobos frontais acompanhados por manifestações gerais hipertensivas ou tóxicas), exibem, usualmente, um comportamento completamente passivo, não exprimem quaisquer vontades ou desejos e não fazem nenhuma solicitação; nem mesmo um estado de fome pode incitá-los a empreender a ação necessária. (LURIA, 1981, p. 171)

Nesse sentido, observamos que lesões cerebrais que afetam a unidade funcional formada pelos lobos frontais alteram drasticamente o tônus cortical, elemento responsável pela regulação das atividades de vigília e das ações conscientes. Os sintomas são, como referidos, perturbações de ordem pragmática no comportamento linguístico do indivíduo, que passa a ter severas dificuldades para adequar suas ações aos contextos nos quais interage.

Na perspectiva da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), poder-se-ia afirmar que o principal sintoma do distúrbio de linguagem apresentado em casos de afasia pragmática é a dificuldade para evidenciar as intenções mentalmente representadas e para construir expectativas de relevância sobre o conhecimento dos interlocutores, o que resulta na incapacidade de se orientar pela direção estabelecida inicialmente na interação.

Em estudo de caso, Gandolfo (1994) analisa como as perturbações de caráter pragmático se revelam no comportamento linguístico do indivíduo e como as práticas terapêuticas orientadas por uma concepção pragmática-discursiva da linguagem auxiliam no desenvolvimento de diferentes habilidades interativas que proporcionam ao sujeito cérebro-lesado a superação de suas limitações.

## **Análise da performance comunicativa em um caso de afasia pragmática**

O sujeito R, acompanhado longitudinalmente por Gandolfo (1994), em seu estudo de caso, foi diagnosticado como portador de uma Síndrome do Lobo Frontal Leve, decorrente de uma lesão na parte anterior do hemisfério esquerdo do lobo frontal, ocasionada por um traumatismo cranioencefálico. De acordo com a autora, os testes neuropsicológicos revelaram que R possuía limitações práticas e lapsos de memória relacionados aos últimos dez anos de sua vida.

Quando encaminhado ao Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da UNICAMP, duas situações específicas colaboraram para o diagnóstico da perturbação da linguagem de R: a primeira foi a forma como se apresentou aos demais sujeitos do centro. Mesmo percebendo as diversas origens sociais e variados níveis de escolaridade de seus interlocutores, R utilizou um vocabulário bastante formal, de modo que a maioria dos presentes não o entenderam: “Tenho 34 anos, sou médico veterinário e tecnólogo de alimentos, atualmente trabalho com chinchilas”; a segunda situação refere-se a uma chamada telefônica que R fez ao Ambulatório de Neurologia para justificar sua falta à sessão de terapia; contou ter batido o carro, mas começou a descrever o acidente em seus mínimos detalhes, mesmo após dizer que estava na sala do delegado.

As situações comunicativas relatadas por Gandolfo (1994) permitiram verificar que R possuía claras dificuldades em adaptar o uso da linguagem aos contextos de interação. Sua apresentação aos demais sujeitos afásicos do CCA demonstrou que R não conseguiu adequar os níveis de formalidade/informalidade da língua aos seus interlocutores e, na sala do delegado, ao ligar para o ambulatório, ignorou a situação que lhe exigia brevidade e diretividade, dando a seus interlocutores muito mais informações do que seria necessário.

De acordo com a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), ao se comunicar, R não consegue atribuir a seus interlocutores expectativas de relevância, pois não leva em conta o conhecimento de mundo dos participantes da interação, o que dificulta, por parte de

seus ouvintes, a inferência das intenções que tenta evidenciar. Ainda sobre as expectativas de relevância que os interlocutores constroem sobre as intenções que anunciamos evidenciar, na chamada telefônica que R fez ao Ambulatório de Neurologia, forneceu muitas informações que, naquela situação, não eram necessárias à justificativa de sua ausência, principalmente pelo fato de estar na sala do delegado, o que lhe obrigava ser breve.

Os testes lúrianos aplicados a R não demonstraram dificuldades na compreensão verbal. Em instruções como: “Você vai desenhar para mim as figuras geométricas que você conhece”, R atendeu perfeitamente às solicitações. O mesmo acontece quando lhe dão a segunda instrução: “Eu vou te dar a seguinte ordem: quando ouvir uma batida na mesa, você bate duas vezes o pé e quando ouvir duas batidas na mesa, você bate o pé uma vez” (GANDOLFO, 1994, p. 37).

Na reprodução de ritmos da organização acústica motora, a solicitação “Eu vou te dar uma sequência rítmica e você vai tentar reproduzi-la”, também é atendida prontamente por R. A orientação espacial de R é avaliada de forma positiva quando Gandolfo (1994) lhe pede para que desenhe a planta de uma casa. Contudo, quando a autora pede para que ele descreva a casa desenhada, apontando seus cômodos, R começa a ampliar sua resposta e descreve os móveis de cada cômodo e suas funções, apresentando resposta que desvia do tema proposto na pergunta de Gandolfo (1994).

Ao testar a linguagem receptiva na compreensão de frases simples como, “pegue o livro, ponha o lápis em cima da caixa e me dê a borracha”, e compreensão de estruturas lógico-gramaticais como, “aponte a mãe da filha e depois a filha da mãe”, R apresenta algumas dificuldades que, para Gandolfo (1994) estão mais relacionadas à imediatez das respostas do que com sua perturbação da linguagem. No entanto, em frases como, “você vai desenhar uma cruz à direita de um círculo, mas à esquerda de um triângulo”, R apresenta uma incompreensão do comando, que Gandolfo (1994) afirma ocorrer devido à Síndrome do Lobo Frontal Leve ter como uma de suas características a dificuldade de orientação espacial por referências demarcadas por relações preposicionais. R consegue assimilar somente uma relação espacial por vez, como em “desenhe uma cruz à direita de um círculo”.

Na avaliação da capacidade de R recontar a narrativa de uma fábula lida por Gandolfo (1994), os dados produzidos apontam sérias dificuldade de manter uma linha de argumento:

É o tal negócio, em certas ocasiões a gente tem que decidir na hora. O negócio é mais o menos por aí, trocando a fábula, qualquer coisa, o que está mais próximo de você, se você não pega, numa situação qualquer, vamos imaginar só por ideia, mais bonito, melhor que você tá querendo, qualquer coisa, não na sua mão, você: mais vale um urubu, porque tem certeza de que está perto do que, numa situação tem que agarrar na coisa senão... (GANDOLFO, 1994, p. 45)

Observa-se no discurso de R grande limitação na construção de seus enunciados, a (re) construção de um contexto para as informações que pretende dar é influenciada pela dificuldade de ater-se às informações que são relevantes ao seu interlocutor e manter seu discurso na direção da interação estabelecida no início da interação.

Gandolfo (1994) produz outros dados em seu estudo de caso, mas que não serão abordados aqui por questões de delimitação do tema de nossa discussão. Contudo, a partir dos dados

selecionados em nossa análise, é possível considerar que a Síndrome do Lobo Frontal Leve caracteriza uma perturbação no nível pragmático da linguagem de R.

De acordo com os pressupostos da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), a afasia pragmática de R revela-se, sobretudo, na dificuldade de adequar sua linguagem aos contextos de interação. R não consegue trabalhar com as expectativas de relevância construídas por ele e por seus interlocutores acerca das intenções ostentadas em seus enunciados, o que, por consequência, limita a sua capacidade de agir sobre seus interlocutores e sobre o estado das coisas do mundo em que vive.

## Considerações Finais

Numa perspectiva localizacionista do cérebro, lesões que tenham como sintomas perturbações no nível pragmático da linguagem não seriam facilmente diagnosticadas, uma vez que os estudos de Broca (1861) e Wernicke (1874) atêm-se à manipulação do código linguístico e não consideram em suas teorias a relação entre o indivíduo, a linguagem e o contexto de interação.

Em situações comunicativas espontâneas, geralmente, os interlocutores recorrem a recursos comunicativos que não podem ser reconhecidos no código, mas inferidos a partir de pistas contextuais, o que é o caso das intenções. As intenções são estados mentais não codificáveis, mas expressos em comportamentos ostensivos que chamam a atenção do ouvinte para um determinado conjunto de suposições que ele espera serem relevantes o suficiente para serem processadas.

Os testes lurianos aplicados por Gandolfo (1994) no caso de R demonstram que a visão estruturalista da linguagem, ainda pleiteada no âmbito dos estudos linguísticos, não é produtiva no estudo das afasias e na construção de práticas terapêuticas que buscam auxiliar o indivíduo na recuperação de sua habilidade de interagir e agir nos contextos dos quais participa socialmente.

Uma lesão no lobo frontal, como a diagnosticada em R, tem como consequência uma perturbação no nível pragmático da linguagem, enquanto a capacidade para estruturar os enunciados ou compreender estruturas gramaticais lógicas não é tão fortemente afetada. R tem dificuldade para coordenar suas intenções ao contexto, apresentando comportamentos comunicativos considerados inadequados por seus interlocutores, o que caracteriza sua limitação como uma afasia pragmática.

Numa perspectiva relevantista, como a de Sperber e Wilson (2001), a afasia pragmática de R constitui-se majoritariamente pela dificuldade em atribuir expectativas de relevância a seus interlocutores e adequar as suposições fatuais manifestas aos contextos situacionais em que interage. R não avalia os impactos das ações que realiza pela linguagem, o que segundo Luria (1981) é um sintoma característico de sujeitos com lesão leve nos lobos frontais.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Arttext, 1990(1962).

BROCA, P. Remarques sur le siège de la faculté de la parole articulée, suivies d'une observation d'aphémie. In: HECAEN, H.; DUBOIS, J. (Eds.), **La naissance de la neuropsychologie du langage**. Paris: Flammarion, 1969(1861). p. 108-123

COUDRY, M. I. **Diário de Narciso**: afasia e discurso. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GANDOLFO, M. C. **Síndrome frontal (leve) ou afasia semântico-pragmática**: um estudo de caso. 1994. 125 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In Marcelo Dascal (org). **Fundamentos metodológicos da linguística – pragmática**: problemas, críticas, perspectivas da linguística-bibliografia. Vol. IV. Pragmática. Campinas: Unicamp, 1975/1982.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. In: LEMLE, M.; LEITE, Y. (Orgs.) **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 43-54

JOANETTE, Y.; ANSALDO, A. I.; KAHLAOU, K.; CÔTÉ, H.; ABUSAMRA, V.; FERRERES, A.; ROCH-LECOURS, A. Impacto de las lesiones del hemisferio derecho sobre las habilidades lingüísticas: perspectivas teórica y clínica. **Revista de Neurologia**, v. 46, n. 8, p. 481-488, 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/331116442\\_Impacto\\_de\\_las\\_lesiones\\_del\\_hemisferio\\_derecho\\_sobre\\_las\\_habilidades\\_linguisticas\\_perspectivas\\_teorica\\_y\\_clinica](https://www.researchgate.net/publication/331116442_Impacto_de_las_lesiones_del_hemisferio_derecho_sobre_las_habilidades_linguisticas_perspectivas_teorica_y_clinica). Acesso em: 25 out. 2021.

LURIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1981.

NOVAES-PINTO, R. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje**. v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/hXTt5XzJ3ZKtZcyQpbFLFsB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2021.

OLIVEIRA, R. P; BASSO, R. M. **Arquitetura da Conversação**: teoria das implicaturas. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SANTOS, S. L. **A interpretação da piada na perspectiva da teoria da relevância**. 2009. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SEARLE, J. **Intencionalidade**: um ensaio sobre a filosofia da mente. Trad. Julio Fischer e Tomas Rosa Bueno. Martins Fontes: São Paulo, 1983.

SOBHANI RAD, D. A review on adult pragmatic assessments. **Iranian Journal of Neurology**, v. 13, n. 3, p. 113-118, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4240926/>. Acesso em: 25 out. 2021.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância: comunicação e cognição**. Trad. Helen Santos Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 (1986).

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WERNICKE, C. Some new studies on aphasia. In: **Reader in the history of aphasia** (v. 4). Philadelphia, PA: John Benjamins, 1994 (1874). p. 69-98.